

**FARIA FILHO, L. M. de. *Edição e sociabilidades intelectuais. A edição das obras completas de Rui Barbosa*. Belo Horizonte: Autêntica/Editora da UFMG, 2017. 299 p. R\$ 54,90.**

Gabriela Albanás Couto<sup>1</sup>

Lucas Souza Pinheiro<sup>2</sup>

Ione Ribeiro Valle<sup>3</sup>

*Edição e sociabilidades intelectuais: a publicação das obras completas de Rui Barbosa (1930-1949)*, de Luciano Mendes de Faria Filho, expressa o resultado de ampla pesquisa histórica e historiográfica, na qual o autor busca conhecer, a partir do movimento em torno da publicação das Obras Completas de Rui Barbosa, quais os intelectuais que mais se destacavam no país naquele momento, e quais as redes de sociabilidade que constituíam. A questão mais instigante da obra é justamente a análise da seleção dos prefaciadores convidados pela Casa de Rui Barbosa para comporem a Coleção, uma vez que intelectuais importantes à época não foram considerados. Este estudo revela as contradições e as disputas presentes nas políticas de Estado e entre diferentes redes de sociabilidade intelectual no debate público acerca da relação entre educação e cultura.

A publicação das Obras Completas de Rui Barbosa, personalidade brasileira polêmica, sobre a qual não há consenso, culminou nas comemorações do centenário de seu nascimento, em 1949, pela casa editora que leva seu nome e com largo apoio do recém criado Ministério da Educação e Saúde Pública (MSE). Faria Filho destaca a importância desta publicação para a construção do “mito” Rui Barbosa como herói nacional, colocando em evidência o investimento feito na consolidação deste como um monumento da cultura brasileira. Como pano de fundo desta pesquisa, tem-se a tese de que a consagração de determinado intelectual depende não apenas da recepção de sua obra pelo público, mas também, e principalmente, dos desdobramentos no campo ao qual pertence. O autor mostra os bastidores e estratégias do mercado editorial brasileiro à época, tais como a elaboração de coleções, nas quais os textos eram compilados cronológica ou tematicamente e acompanhados de prefácios escritos por figuras reconhecidas social e academicamente. A pesquisa revela, assim, a existência de um ambiente favorável à do projeto de publicação das Obras

<sup>1</sup> Pedagoga. Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo. Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina. Membro do Grupo de Pesquisa, Ensino e Formação de Educadores em Santa Catarina (GPEFESC) e do Laboratório de Pesquisas Sociológicas Pierre Bourdieu (LAPSB). E-mail: gabrielaacouto@gmail.com

<sup>2</sup> Graduando em Pedagogia na Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista do Grupo de Pesquisa, Ensino e Formação de Educadores em Santa Catarina (GPEFESC) e do Laboratório de Pesquisas Sociológicas Pierre Bourdieu (LAPSB). E-mail: lucas.souza.pinheiro94@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Educação pela Université René Descartes - Paris V, com Pós-Doutorado na École de Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS. Professora do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora do Grupo de Pesquisa, Ensino e Formação de Educadores em Santa Catarina (GPEFESC) e do Laboratório de Pesquisas Sociológicas Pierre Bourdieu (LAPSB). Bolsista de Produtividade em Pesquisa - CNPq. E-mail: ione.valle@ufsc.br

Completas, além do indubitável investimento público aplicado na apresentação estética dos livros – desde a escolha das capas, da tipografia, até a alta qualidade dos materiais utilizados na impressão, que fora majoritariamente realizada pela Imprensa Nacional. Todavia, a principal contribuição desta densa pesquisa para a educação está no esforço empreendido pelo autor em situar o lugar da educação nos escritos ruianos, tendo como referência a ideia construída em torno de Rui Barbosa como um “pedagogo brasileiro”.

A obra de Faria Filho, prefaciada por Eliana de Freitas Dutra, está distribuída em quatro capítulos seguidos das conclusões e do apêndice, no qual o autor apresenta sinopses biográficas dos prefaciadores. No primeiro capítulo, “De casa museu a casa editora”, Faria Filho narra o processo de transformação da residência de Rui em casa museu e casa editora, sendo mais do que uma repartição pública, um local de memória. Tal processo se deparou com dificuldades, seja de espaço físico, de corpo de funcionários ou em relação à função principal a qual esse espaço era destinado, a publicação das Obras de Rui. As principais fontes de pesquisa para a elaboração deste capítulo foram os vários relatórios escritos por diretores da Casa, dentre os quais a figura de Américo Jacobina Lacombe ganha relevo, e textos de conferências promovidas pela Casa para difundir as ideias de seu patrono.

Em 1941, após enfáticas solicitações de apoio da equipe dirigente da Casa ao MES, é assinado por Getúlio Vargas o Decreto-Lei que dá início ao processo de publicação das Obras Completas, cuja ordem de publicação seria definida a partir da seleção de temas que despertassem o interesse da intelectualidade da época. Desta feita, em 1942 é publicado o primeiro tomo do volume IX das Obras Completas, com textos de Rui sobre a reforma do ensino secundário e superior, tema de extrema importância naquele contexto. O autor afirma, assim, que “na publicação das Obras Completas, a ordem dos livros guardava, de várias formas, relações com a Ordem do Dia”. Apesar do entusiasmo relacionado ao começo das publicações e do concomitante fortalecimento do mercado editorial brasileiro, a Casa enfrentou entraves importantes, tais como a falta do papel utilizado para a impressão (devido à Segunda Guerra Mundial), a ausência de escritos de Rui para completar a coleção e a impontualidade de alguns prefaciadores na entrega de seus textos, com uma equipe de trabalho reduzida frente a tantas demandas, etc. Neste contexto de dificuldades, o autor mostra a relevância da atuação de Jacobina Lacombe na direção da Casa, dada sua habilidade em contornar os obstáculos e seu compromisso com a realização do projeto.

O autor analisa como foi se construindo e se fortalecendo a figura de Rui como “herói nacional” a partir do aumento de publicações de biografias, estudos acadêmicos e o interesse em disponibilizar textos acessíveis ao público não acadêmico. No entanto, apesar do entusiasmo acadêmico e do público pela publicação das Obras, a direção da Casa confrontou-se com o atraso na entrega dos prefácios solicitados, o que motivou a redução da equipe de prefaciadores, sacrificando, assim, “um dos elementos mais caros de sua proposta inicial: o leque abrangente dos prefaciadores convidados”. A pesquisa de Faria Filho torna-se, neste sentido, muito oportuna ao revelar os bastidores da realização de um projeto de edição que pode ser considerado um marco na história editorial e intelectual do país. Finalizando o primeiro capítulo, o autor demonstra que, apesar das adversidades, na ocasião do centenário de nascimento de Rui Barbosa, além da publicação das Obras Completas, diversas atividades foram realizadas com sucesso pela Casa, superando

as expectativas de seus idealizadores. A publicação da biografia de Rui, escrita por Cecília Meireles para o público infantil, com tiragem de 90 mil exemplares, distribuídos em escolas de todo o país com o auxílio das Forças Aéreas Brasileiras, é exemplo disso. O autor destaca ainda o grande número de publicações da Casa, que, apenas em 1949, foi equivalente a todo o seu percurso desde a sua criação. Desta feita, a Casa ganha muito mais contornos de casa editora do que de uma casa museu, encontrando-se com sua verdadeira vocação.

O segundo capítulo, “Fios, tramas e dramas da edição”, mostra a Casa de Rui Barbosa como um espaço em constante disputa. O processo de constituição da Casa em um lugar de memória e de publicação das Obras Completas contou com o envolvimento de muitas pessoas “conectadas por relações de várias naturezas” com o intuito de perpetuar a memória e os projetos de Rui para o Brasil. Neste contexto, merece destaque a história dos diretores da Casa dos períodos de 1927 a 1939, quando analisa a trajetória social e a formação acadêmica de cada um dos diretores. Este capítulo trata, ainda, da construção de sociabilidades “políticas, afetivas e profissionais” e das características do projeto de seleção dos prefaciadores, bem como das funções atribuídas a eles. A composição desse grupo foi constituída de variedade político-ideológica, contendo homens de distintas correntes políticas e de diferentes regiões do Brasil, sendo apenas uma mulher em um conjunto de 20 intelectuais. A escolha dos prefaciadores não visou unicamente reunir a “nata da intelectualidade brasileira”, mas também agregar pessoas que pudessem discutir os problemas nacionais do seu tempo em diálogo com o pensamento de Rui Barbosa, “mantendo Rui entre os vivos”. Os critérios de escolha dos prefaciadores revelam as “tensões e distensões das sociabilidades intelectuais” da época.

“Os prefácios: retórica, política e mediação cultural”, terceiro capítulo, é um mergulho analítico nos prefácios. O autor inicia o capítulo explicando as características deste gênero textual e especificando sua função como peça-chave na publicação das Obras Completas, em que buscou não somente decifrar cada texto ruiano, mas atribuir-lhes novos sentidos, atualizando-os. Embora todos tivessem esta função bem definida, no conjunto de tomos, observa-se que eram muito diferentes entre si, em extensão (tem-se de 10 a quase 100 páginas) e em relação aos “movimentos retóricos desenvolvidos por cada autor em seu texto”. Lançando mão de referências como Foucault, de Certeau e Chartier, o autor analisa o papel do prefácio neste projeto político-editorial, que era “não apenas de repetição, mas também de criação em relação ao texto comentado”. Constata ter havido um “acúmulo de problemas linguísticos, técnicos e operacionais da edição”, em especial na padronização dos prefácios e em suas revisões, e apresenta as dificuldades e as saídas encontradas para o amadurecimento e a consolidação do projeto. O capítulo é finalizado pela análise cuidadosa dos prefácios escritos e publicados até 1949, que, de modo geral, mesmo heterogêneos, procuraram ressaltar a genialidade de Rui Barbosa, em diversos âmbitos, e as características que o tornaram um ícone político e intelectual, embora, às vezes, considerado nos textos como um injustiçado e uma personalidade para com a qual a sociedade brasileira possuía uma dívida a ser resgatada.

O quarto e último capítulo, “A construção de Rui Barbosa como pedagogo brasileiro”, pode ser considerado o coração do livro por trazer contribuições à História da Educação. Nele Faria Filho visita “os prefácios sobre as reformas de ensino e suas repercussões”, textos que aparecem, até onde se sabe, como os

primeiros trabalhos sistemáticos sobre o legado de Rui para a pedagogia brasileira. Assim, “os prefácios e demais textos analisados neste capítulo representam, de certa forma, um discurso fundador de uma nova interpretação do legado ruiano”. O prefácio escrito por Thiers Martins Moreira faz uma retomada do contexto da discussão sobre a reforma do ensino secundário proposta por Rui Barbosa. Em tom comedido e equilibrado, marca que se estenderia a toda coleção, Moreira estabelece continuidade entre a “pedagogia” de Rui Barbosa e a Escola Nova, o que, de acordo com Faria Filho, pode ser uma importante chave de leitura do legado ruiano.

Em 1942, Lourenço Filho, então diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – INEP, é convidado a proferir conferência em razão da publicação do primeiro tomo das Obras Completas. No texto escrito para a conferência, posteriormente publicado, ele sublinha aspectos importantes da obra de Rui ao discorrer sobre sua trajetória política e o contexto histórico da escrita dos pareceres sobre as reformas do ensino e ao falar sobre a necessidade de observação de práticas educacionais que prosperaram em outros países. Lourenço reconhece também a contribuição de Rui na introdução das ideias da Escola Nova no Brasil. De acordo com o autor, Lourenço Filho defende, assim, a existência de uma “pedagogia de Rui Barbosa”.

Também em função das primeiras publicações, surgem críticas, entre as quais o autor destaca o texto de Venâncio Filho, “um dos mais respeitados intelectuais de educação do Brasil”, publicado na Revista Cultura Política em 1943. Esta crítica se pauta no argumento de que a reforma do ensino secundário proposta por Rui Barbosa estaria fora das realidades do Brasil, sendo, portanto, idealista, embora reconhecesse o espírito científico e o sentimento de liberdade característicos da educação ruiana.

Já o prefácio escrito por Jacobina Lacombe, aos tomos da reforma do ensino primário (1945/1947), traz o detalhamento do processo de elaboração dos pareceres e da edição dos mesmos pela Casa e mobiliza textos de Lourenço Filho em diálogo com os escritos de Rui, dando, assim, um caráter de atualidade a sua obra, além de acentuar a importância da publicação dos pareceres ruianos para a educação.

Ao escrever seu prefácio de Lições de coisas, Lourenço Filho saúda a dedicação de Rui aos assuntos pedagógicos e menciona duas razões para essa dedicação: uma política, dada a relação da educação no plano das reformas liberais do final do século XIX, outra sentimental, por respeito à figura e à trajetória de seu pai.

Além dos prefácios voltados às obras “pedagógicas” de Rui Barbosa, Faria Filho dedica-se à análise da mobilização realizada em torno das demais atividades comemorativas do centenário de nascimento de Rui Barbosa. Aqui ganham visibilidade, cada uma delas em particular, as conferências de Clemente Mariani, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho.

Por fim, no capítulo de conclusão da obra, o autor retoma diversas ideias já apresentadas ao longo do texto, como os objetivos da Casa e do processo de publicação das Obras Completas, a inserção deste espaço nas políticas de patrimônio cultural brasileiras, as dificuldades no processo, as múltiplas facetas de Rui apresentadas pelos prefaciadores, o profissionalismo e a ampla rede de colaboradores mobilizada por

Lacombe e Capanema, visando produzir e atualizar o legado de Rui Barbosa. Além disso, considera que o “aparente fracasso” da não publicação de todos os tomos antes do centenário de Rui acabou por revelar um grande sucesso do empreendimento, que, na última década, apresentou a maior produtividade desde o início do processo. A elaboração do projeto político-cultural-editorial e as demais atividades da Casa lograram colocar o legado de Rui Barbosa nos interesses de estudo de diversas áreas do conhecimento, além da grande repercussão no mercado editorial nacional. Faria Filho finaliza seu estudo ressaltando a habilidade e a capacidade de trabalho de Jacobina Lacombe e Gustavo Capanema e afirmando que, apesar de o Estado Novo ter patrocinado grande parte do processo de publicação das Obras Completas, o legado de Rui permanecia acima de divergências e questões políticas. Por isso, a adesão e o engajamento de intelectuais nesta que foi uma ação implementada pelo mesmo Estado que os perseguia, no caso de algumas personalidades que eram seus “inimigos históricos e declarados”, não os comprometia com suas políticas autoritárias, de modo que o autor nos leva a concluir que aqueles que aceitaram o convite para participar do projeto “sabiam o que estavam fazendo”. E nos leva a refletir sobre uma “silenciosa tolerância com o autoritarismo político”, questionando se esta estaria na base da construção de nossa passividade em relação às questões políticas nacionais.